

## AS SETE ACEPÇÕES DE “POSITIVO” E SUAS RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO EM COMTE



*Sergio Tiski*



**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é esclarecer as sete acepções de “positivo” e a sua relação com a educação em Comte; e assim contribuir para um melhor conhecimento da filosofia comtiana. As fontes são os escritos de Comte. Recolhemos, indutivamente, em vista de chegar à síntese (sinteticamente), todas as referências comtianas relevantes a respeito da questão; recolhemos, dedutivamente (posicionando-nos, portanto, analiticamente), o seu posicionamento indireto; e fazemos a síntese, que é a “descrição” das sete acepções que ele atribui ao termo “positivo”. Naturalmente, esse processo metodológico indutivo-dedutivo, sintético-analítico, é dirigido pela nossa reflexão filosófica. Concluimos que as sete acepções de “positivo” para Comte são as seguintes: “positivo” quer dizer real em contraposição a quimérico, útil em contraposição a ocioso, certo em contraposição a indeciso, preciso em contraposição a vago, orgânico ou construtivo em contraposição a crítico ou destrutivo, relativo em contraposição a absoluto, e simpático em contraposição a egoísta. Concluimos também que a finalidade da educação ou moral prática, em Comte, pode ser dita como devendo desenvolver justamente essa visão realista, útil, certa, precisa, construtiva, relativista e simpática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comte; Positivo; Educação; Ciência.

**ABSTRACT:** The purpose of this work is to clear up the seven meanings of “positive” and their relation with education in Comte, contributing to a better knowledge of Comte’s philosophy. The sources are Comte’s writings. It was gathered, inductively, in order to get to the synthesis (synthetically), all relevant Comte’s references about the question; it was gathered, deductively (taking an analytical position), his indirect position; and a synthesis is made, which is the “description” of the seven meanings given by him to the term “positive”. Naturally, this inductive-deductive, synthetic-analytic methodological process is guided by our philosophical reflection. It is concluded that, for Comte, the seven meanings of “positive” are the following ones: “positive” means real vs. unreal, useful vs. idle, sure vs. unsure, precise vs. vague, organic or constructive vs. critical or destructive, relative vs. absolute, nice vs. selfish. It is also concluded that the aim of education or practical moral, in Comte, can be understood as having the purpose to develop this realistic, useful, sure, precise, constructive, relativist and nice view.

**KEYWORDS:** Comte; Positive; Education; Science.

## 1. INTRODUÇÃO

Vamos transcrever e comentar sumariamente, neste trabalho, os cinco principais parágrafos ou grupos de parágrafos de Augusto Comte a respeito das acepções do termo positivo em sua obra: “Da advertência do autor”, de 1829, posta no início do *Curso de Filosofia Positiva*; do *Discurso sobre o Espírito Positivo*, de 1844; do *Discurso Preliminar*, de 1848; da “Invocação final a Clotilde de Vaux”, do *Sistema de Política Positiva*, de 1854; e do *Apelo aos Conservadores*, de 1855.<sup>1</sup>

## 2. AS ACEPÇÕES DE “POSITIVO” E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO

Comte fundou a filosofia positiva ou positivismo. Essa filosofia se contrapõe e supera, segundo ele, as filosofias metafísicas e as filosofias teológicas. A mentalidade positivista, o positivismo, sempre segundo Comte, constitui a terceira e definitiva mentalidade em relação às duas outras. E a educação tem como finalidade atingir essa maturidade, isto é, formar homens com essa mentalidade (cf. TISKI, 2006b). Essa noção geral de “positivo” foi explicitada por Comte, dentre outros textos, também, apesar de incidentalmente, na “Advertência” que fez no início do *Curso*:

Mas o adjetivo *positivo*, pelo qual modifico o sentido [do termo filosofia], parece-me ser suficiente para fazer desaparecer, desde o início, todo equívoco essencial, pelo menos entre aqueles que conhecem bem o valor disso. Limitar-me-ei a declarar, portanto, nesta *Advertência*, que emprego a palavra *filosofia* na acepção que lhe davam os antigos, e particularmente Aristóteles, designando o sistema geral das concepções humanas; e acrescentando a palavra *positiva* anuncio que considero esta matéria especial de filosofia que consiste em ver as teorias, em

qualquer ordem de idéias, como tendo por objeto a coordenação dos fatos observados, o que constitui o terceiro e último estado da filosofia geral, primitivamente teológica e, em seguida, metafísica, assim como explico desde a primeira lição.<sup>2</sup>

“Positivo”, nessa citação, faz referência aos “fatos observados”, contrariando as “abstrações” pensadas pelos metafísicos e as “ficções” imaginadas pelas teologias. De algum modo, a filosofia positiva tem uma espécie de relação de derivação em relação às ciências positivas: “por filosofia positiva, comparada às ciências positivas, entendo somente o estudo próprio das generalidades das diferentes ciências, concebidas como submetidas a um método único, e formando as diferentes partes de um plano geral de pesquisas” (COMTE, 1975, p. 6).

No *Discurso*, de 1844, Comte desmembrou, pela primeira vez, a noção de “positivo” (parágrafos 30-33). Nesse tempo ele ainda fala apenas de seis acepções: “positivo” quer dizer real em oposição a quimérico, útil em oposição a ocioso, certo em oposição a indeciso, preciso em oposição a vago, orgânico ou construtivo em oposição a crítico ou destrutivo, e relativo em oposição a absoluto (parágrafos 31-33). As quatro primeiras acepções distinguem a filosofia positiva, segundo Comte, de todos os modos possíveis, teológicos ou metafísicos, da filosofia inicial:

Considerado, em primeiro lugar, em sua acepção mais antiga e mais comum, o termo *positivo* designa o real em oposição ao quimérico: nesse sentido, convém plenamente ao novo espírito filosófico, que fica assim caracterizado pela sua constante consagração às indagações verdadeiramente acessíveis à nossa inteligência, com a exclusão efetiva dos impenetráveis mistérios com os quais

a sua infância se ocupava preferencialmente. Em um segundo sentido muito próximo do precedente, mas, apesar disso, distinto, esse vocábulo fundamental indica o contraste entre o útil e o ocioso: recorda então, em filosofia, que o destino necessário de todas as nossas sãs especulações é o melhoramento contínuo de nossa verdadeira condição individual e coletiva, e não a vã satisfação de uma curiosidade estéril. Conforme um terceiro significado usual, essa feliz expressão é empregada frequentemente para qualificar a oposição entre a certeza e a indecisão: ela indica a capacidade característica de semelhante filosofia para constituir espontaneamente a harmonia lógica no indivíduo e a comunhão espiritual na espécie inteira, em lugar dessas dúvidas indefinidas e desses debates intermináveis que o antigo regime mental devia suscitar. Uma quarta acepção ordinária, muitas vezes confundida com a precedente, consiste em opor o preciso ao vago: esse sentido lembra a tendência constante do verdadeiro espírito filosófico para obter em toda parte o grau de precisão compatível com a natureza dos fenômenos e conforme a exigência de nossas reais necessidades; ao passo que a antiga maneira de filosofar conduzia a opiniões vagas, por não comportar a indispensável disciplina senão em virtude de contínua repressão, apoiada na autoridade sobrenatural (COMTE, 1976).

A quinta acepção, organicidade ou construtividade, segundo Comte, distingue a filosofia positiva principalmente da mentalidade metafísica propriamente dita, que nunca pôde deixar de ser crítica ou destrutiva, ao contrário da mentalidade teológica, que durante muito tempo foi orgânica ou construtiva: “Cumpre enfim notar especialmente uma quinta aplicação menos usada do que as outras, embora igualmente universal, quando se emprega o vocábulo *positivo* como o contrário de *negativo*. Sob esse aspecto ele indica uma

das mais eminentes propriedades da genuína filosofia moderna, mostrando-a destinada, sobretudo por sua natureza, não a destruir, mas a organizar” (início do parágrafo 32).

A sexta acepção de “positivo”, a relatividade, acrescentada pelo próprio Comte (como também, mais tarde, a sétima), separa a filosofia positiva em relação às filosofias metafísicas e teológicas, de novo em conjunto, pois, segundo ele, elas são semelhantemente absolutistas, supõem absolutos: Liberdade, Razão, etc., no caso das metafísicas, e o Absoluto maior, Deus, ou deuses, no caso das teologias:

O único caráter essencial do novo espírito filosófico que ainda não é indicado pelo termo *positivo* consiste na sua tendência necessária a substituir o absoluto pelo relativo. Mas esse grande atributo, ao mesmo tempo científico e lógico, é tão inerente à natureza fundamental dos conhecimentos reais, que sua consideração geral não tardará a se ligar intimamente aos diversos aspectos que essa fórmula já combina, quando o moderno regime intelectual, até aqui parcial e empírico, passar comumente ao estado sistemático. A quinta acepção, que acabamos de apreciar, é especialmente própria para determinar essa última condensação da nova linguagem filosófica, desde então plenamente constituída, conforme a afinidade evidente das duas propriedades. Concebe-se, com efeito, que a natureza absoluta das antigas doutrinas, quer teológicas, quer metafísicas, determinasse necessariamente cada uma delas a se tornar negativa em relação a todas as outras, sob pena de degenerar em ecletismo absurdo. É, pelo contrário, em virtude de seu gênio relativo que a nova filosofia pode apreciar sempre o valor próprio das teorias que lhe são mais opostas, sem todavia fazer nunca qualquer vã concessão, suscetível de alterar a nitidez de suas visões ou a firmeza de suas decisões (COMTE, 1976).

O acréscimo da sétima acepção de “positivo” começou a aparecer em 1848, quando Comte já tinha feito a fortíssima experiência concreta de amor (no seu relacionamento com Clotilde de Vaux) e começava a afirmar a sua religião da humanidade. As seis primeiras acepções passaram a ser julgadas intelectuais, relativas ao espírito, acentuação da razão e da atividade, e condições mentais. A sétima traz os complementos, a saber, respectivamente, os atributos morais, relativos ao coração, acentuação do sentimento, e condições morais:

Considerando em seu conjunto essa sumária apreciação do espírito fundamental do positivismo, deve-se agora sentir que todas as características essenciais da nova filosofia se resumem espontaneamente na qualificação que apliquei para ela desde o seu nascimento. Todas as nossas línguas ocidentais concordam, efetivamente, em indicar, com o termo *positivo* e seus derivados, os dois atributos de realidade e de utilidade, cuja combinação bastaria para definir o verdadeiro espírito filosófico, que não pode ser senão, no fundo, o bom senso generalizado e sistematizado. Essa mesma palavra recorda também, em todo o Ocidente, as qualidades de certeza e de precisão, pelas quais a razão moderna se distingue profundamente da antiga. Uma última acepção universal caracteriza principalmente a tendência diretamente orgânica do espírito positivo, de maneira a separá-lo, apesar da aliança preliminar, do simples espírito metafísico, que não pôde jamais ser senão crítico: assim se anuncia a destinação social do positivismo, para substituir o teologismo em todo o governo espiritual da humanidade. Essa quinta significação do título essencial da sã filosofia conduz naturalmente ao caráter sempre relativo do novo regime intelectual, pois a razão moderna não pode cessar de ser crítica em relação ao passado senão renunciando a todo princípio absoluto. Quando o público ocidental tiver sentido essa última conexão, não menos real do que as precedentes, embora mais escondida, *positivo* se tornará inseparável de *relativo*, como já o é hoje de *orgânico*, de *preciso*, de *certo*, de *útil* e de *real*. Nessa condensação gradual dos principais títulos da verdadeira sabedoria humana em torno de uma feliz denominação, logo não restará a desejar senão a reunião, necessariamente mais tardia, dos atributos morais às simples características intelectuais. Embora essas últimas sejam as únicas lembradas até agora por essa fórmula decisiva, a marcha natural do movimento moderno permite assegurar que o termo *positivo* tomará finalmente uma destinação ainda mais relativa ao coração do que ao espírito. Essa última extensão se cumprirá quando se tiver apreciado como, em virtude dessa realidade que inicialmente caracteriza apenas a ela, a impulsão positiva conduz hoje a fazer sistematicamente prevalecer o sentimento sobre a razão, como sobre a atividade. Por tal transformação, o nome *filosofia* não fará mais do que, aliás, retomar para sempre a nobre destinação inicial lembrada sempre pela sua etimologia, e que não se tornou plenamente realizável senão depois da recente conciliação das condições morais com as condições mentais, a partir da fundação definitiva da verdadeira ciência social (COMTE, 1890, p. 57-58).

Mas a sétima acepção, simpatia em oposição a egoísmo, só foi explicitada de fato em 1854, quando Comte já tinha anunciado a moral como sétima ciência fundamental e dividido a moral em moral teórica ou moral propriamente dita (sétima ciência) e moral prática ou educação. Trata-se do altruísmo, da sociabilidade, do amor. A nomeação se deu na Invocação final a Clotilde de Vaux (escrita a 24/07/1854) do *Sistema*:



Quando introduzi o título de positivista, um público empírico e cético o julgou não menos contraditório do que estranho. Eu o fiz crescer tanto, em trinta anos, que ele já é procurado tanto como símbolo de ordem quanto de progresso, por muitos daqueles que não cumprem as suas principais condições. Entre as sete acepções que ele combina, a última, que eu não podia sentir assaz sem você, permanece a menos apreciada, embora seja a mais decisiva, pois que concerne diretamente à única fonte da verdadeira unidade. Aqueles que reconhecem bem a conexão necessária das seis características próprias do espírito positivo, ao mesmo tempo real, útil, certo, preciso, orgânico, e mesmo relativo, não cumpriram suficientemente sua regeneração para poder ligar os títulos intelectuais à qualificação moral. Mas, embora eu seja ainda o único para quem *positivo* tenha se tornado também, graças a você, o equivalente de *simpático*, não duvido de que todos os meus verdadeiros discípulos me seguirão logo até esse ponto, sob a irresistível impulsão da síntese que acabo de terminar [o *Sistema*]. Então o conjunto da revolução ocidental se encontrará familiarmente resumido pela plena regeneração de um termo fundamental, que doravante caracterizará a melhor moralidade, sem perder as vantagens próprias da sua materialidade primitiva (COMTE, 1890, p. 547).

Trata-se, como se pode inferir, da sociabilidade, do altruísmo, do amor. Da qualificação moral e da melhor moralidade. O positivista pensado por Comte deve, além de ter uma visão realista, utilitária, certa, precisa, construtiva e relativista, ter também uma visão amorosa, simpática; enfim, deve ser amante.

Comte fez uma nova e última síntese das sete acepções no *Apelo*, de 1855, dirigido “essencialmente aos homens de Estado ocidentais, para iniciá-los na única síntese que pode guiá-los” (Prefácio, p. V). Trata-se de cinco parágrafos (p. 17-19). No primeiro parágrafo as seis primeiras acepções, que no Discurso preliminar indicavam conjuntamente a racionalidade e a praticidade, são desmembradas em três duplas que indicam, respectivamente, os aspectos fundamentais, intelectuais e sociais, enquanto que a sétima é indicada como que sendo a fonte moral (o sentimento, a sentimentalidade) delas:

A nova síntese pode ser previamente caracterizada a partir de uma suficiente combinação entre as sete qualificações irrevogavelmente condensadas sob o título *positivo*, que significa ao mesmo tempo *real*, *útil*, *certo*, *preciso*, *orgânico*, *relativo*, e mesmo *simpático*. Cada uma estando especialmente comparada à seguinte, a primeira dupla indica as condições fundamentais, a segunda os atributos intelectuais, e a terceira as propriedades sociais da doutrina universal; sua sucessão conduz a assinalar sua fonte moral pela acepção final (COMTE, 1855, p. 17).

Nos três parágrafos seguintes, Comte retoma a explicação das seis primeiras acepções.<sup>3</sup> Enfim, no quinto e último parágrafo, ele passa da quinta para a sétima acepção e conclui:

A partir da íntima conexão dessas duas propriedades, pode-se apreciar como elas se ligam à qualidade final, única contestada hoje entre os positivistas incompletos. Pois não se poderia mais permanecer relativo sem se tornar simpático do que permanecer orgânico sem se tornar relativo, principalmente em relação ao campo principal de nossas concepções, no qual apenas o amor deve dispor a construir e permitir julgar. As sete acepções do termo fundamental da *sã filosofia* são tão solidárias que sua sucessão poderia ser instituída juntando cada uma à precedente para chegar à primeira, embora a marcha que seguiu permanece historicamente preferível (COMTE, 1855, p. 18-19).

A educação ou moral prática da nova geração começa pelo acento sobre a educação afetiva (moral), na primeira infância, e passa a ser estética, na segunda infância; torna-se intelectual na adolescência (dos 14 aos 21 anos) e ativa (prática) na juventude (dos 21 aos 28). Desde então o adulto deve ser conscientemente equilibrado afetivamente (moralmente), intelectualmente (teoricamente) e ativamente (praticamente). O maduro deve ser capaz de ver o real como ele é ou está, deve se interessar pelo útil; o seu conhecimento deve ser certo e preciso; ele deve ser orgânico ou construtivo; deve ver tudo como dependente do meio (tudo é relativo ao meio), mas se esforçar por tornar o meio à imagem e semelhança do homem (tudo é relativo ao homem); finalmente, deve ser simpático em relação a todos os homens e a todos os seres da ordem universal.

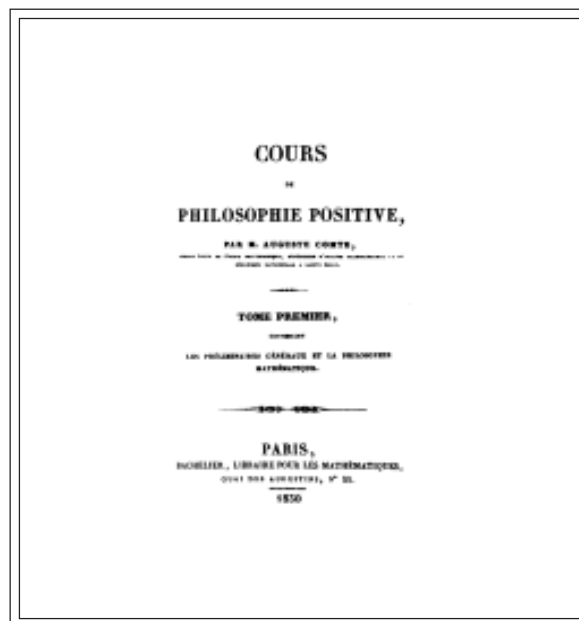
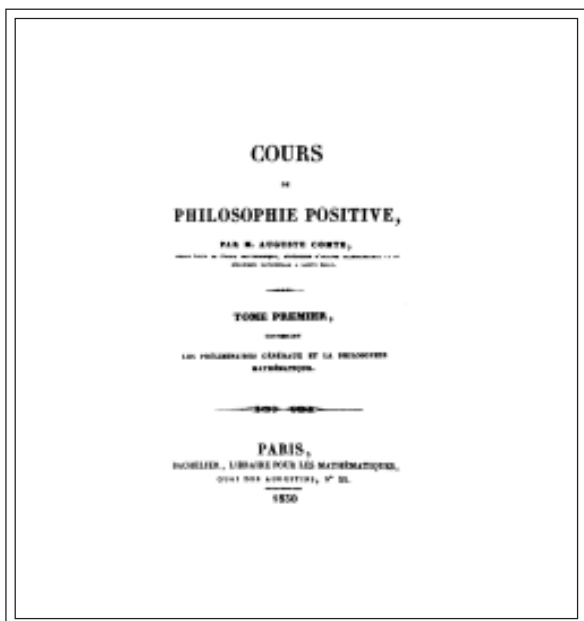
### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

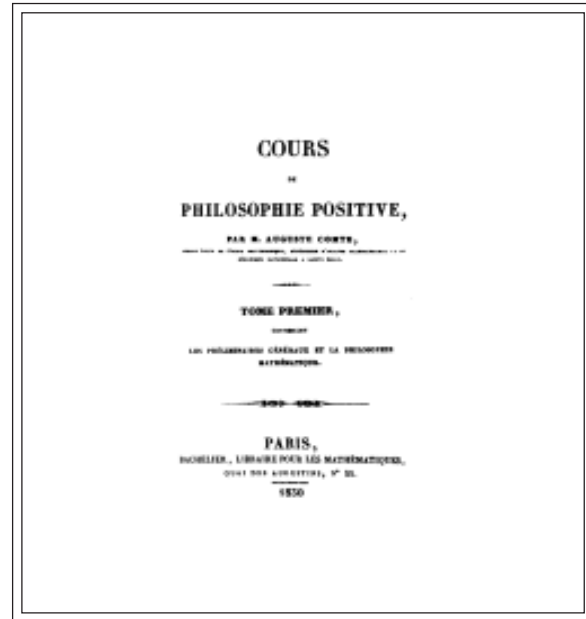
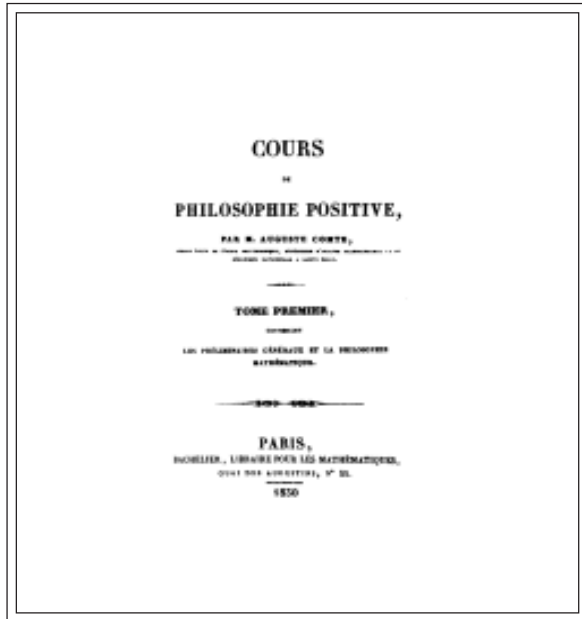
Como vimos, Comte fala de sete acepções para “positivo”: “positivo” quer dizer ao mesmo tempo real, útil, certo, preciso, orgânico, relativo e simpático. E a consecução dessa visão realista, utilitária, certa, precisa, construtiva, relativa e simpática pode ser dita, dentre outras maneiras de qualificar, como a finalidade da educação positivista.

T & M

Texto recebido em abril de 2006.

Aprovado para publicação em julho de 2006.





#### 5. SOBRE O AUTOR

**Sergio Tiski** é Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. Docente do Departamento de Filosofia na Universidade Estadual de Londrina. Endereço eletrônico: sertis@uel.br.

#### 4. NOTAS

1. Abreviaturas das obras de Auguste Comte usadas no texto: *Curso de filosofia positiva* (Curso); *Discurso sobre o espírito positivo* (Discurso); *Sistema de política positiva* (Sistema); *Apelo aos conservadores* (Apelo).
2. “Advertência do Autor”, de 18/12/1829, aos leitores do *Curso de Filosofia Positiva* (Reedição de 1907-1908), p. 5. No presente texto, a tradução é sempre nossa. Transcrevemos os grifos dos próprios autores sempre em itálico. O que aparece entre colchetes é explicação nossa.
3. “Embora a realidade pareça inicialmente bastar para constituir a positividade, essa apreciação não convém senão ao regime preliminar, no qual o desenvolvimento das forças teóricas exigia que o espírito científico abordasse todas as questões suscetíveis de uma verdadeira solução. Mas, no estado normal, a utilidade deve sempre completar a prescrição fundamental, pois a maior parte das pesquisas verdadeiramente acessíveis é essencialmente ociosa (...). Apesar da tendência, muito freqüente ainda, a confundir a certeza e a precisão, o segundo atributo não constitui senão o complemento do primeiro, que deve igualmente pertencer a todas as concepções verdadeiramente positivas, enquanto que elas não comportam a outra senão com uma desigualdade regrada pela própria complicação delas. Antes de sua extensão decisiva aos fenômenos sociais, o espírito positivo tinha se mostrado sempre profundamente orgânico; aspirando por toda parte a construir, ele não descarta as causas a não ser substituindo-as pelas leis, sem desenvolver, em nenhum caso, um caráter diretamente crítico. Mas essa aptidão se manifestou principalmente depois que ele atingiu o seu principal domínio, reparando os estragos que a impotência teológica e a discussão metafísica tinham feito o conjunto das noções sociais gradualmente sofrer. O caráter relativo, sempre inerente à sua tendência orgânica, prevaleceu especialmente em sua construção da filosofia da história, necessariamente incompatível com a natureza absoluta da antiga síntese” (COMTE, 1855, p. 17-18).

TISKI, Sérgio. "As sete acepções de 'positivo' e suas relações com a educação em Comte". *Revista Temas & Matizes* - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 9 - 1º Semestre de 2006, p. 07-14.

## 6. REFERÊNCIAS

COMTE, Auguste. **Cours de philosophie positive**. Paris: Hermann, 1975. Leçons 46-60 [Primitivos Volumes IV-VI].

—-. **Traité philosophique d'astronomie populaire** [1844] précédé du **Discours sur l'esprit positif** [1844]. Paris: Fayard, 1985.

—-. **Discurso sobre o espírito positivo** [1844]. Trad. Renato Pereira e Ivan Lins. Porto Alegre; São Paulo: Globo; Edusp, 1976.

—-. **Documentos anexos**. Trad. Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

—-. **Système de politique positive ou Traité de sociologie Instituant la religion de l'humanité** [1851]. Tome premier Contenant le "Discours Préliminaire" [1848] et "l'Introduction Fondamentale" [1849-1850]. Troisième éd. Paris: Moderne, 1890.

—-. Tome quatrième et dernier, Contenant le **Tableau synthétique de l'avenir humain**. Ce volume final est terminé par un Appendice Général, qui reproduit tous les opuscules primitifs de l'auteur sur la philosophie sociale [1854]. Troisième éd. Paris: Larousse, 1895.

—-. **Appel aux conservateurs**. Paris: E. Thunot, 1855.

—-. **Apelo aos conservadores**. Trad. Miguel Lemos. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brasil, 1899.

TISKI, Sergio. **A questão da religião em Auguste Comte**. Londrina: Eduel, 2006a.

—-. "A história em Comte". **Revista Acta Scientiarum**. Universidade Estadual de Maringá. Vol. 28 - nº 1 - 1º semestre de 2006b.

—-. "Contribuição para repensar A. Comte: o seu relativismo". **Crítica - Revista de Filosofia**. Londrina: v. 1 - n. 3 - p. 293-303 - Abr./ Jun. 1996.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

[www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber)